

# O conceito de inteligência e sua importância para a psiquiatria

Guilherme Rubino de Azevedo Focchi\*  
Cláudia Inês Scheuer\*\*

“Os seres inteligentes podem (...) viver mais e deixar mais descendentes (...). A inteligência ajudou de forma definitiva a sobrevivência.”  
Carl Sagan, *Cosmos*

A inteligência, por certo, é função psíquica complexa; talvez por isso parece não haver conceito de inteligência universalmente aceito (Toledo, 1995). Liungmann (1972) observa que o conceito de inteligência é manipulado conforme a conveniência; Mackintosh (1987) e Howe (1988) põem em dúvida o valor científico de um conceito abrangente de inteligência no estudo das habilidades mentais. Para Eysenck (1988), a inteligência é como “gravidade” ou “inércia”, variando com o tempo e com a cultura. Howard (1993) considera-a como um ou vários conceitos imbricados, trazendo informação e sob um rótulo – “Inteligência” –, importando apenas se o conceito é útil ou não.

Aqui, far-se-á uma breve revisão e discussão sobre alguns conceitos de Inteligência e sua importância para a psiquiatria.

Stern (1914) conceitua a inteligência como a capacidade do indivíduo para adaptar-se convenientemente a situações novas; Binet e Simon (1916) conceituam a inteligência como o conjunto de processos de pensamento que constituem a adaptação mental; para Wells (1917), a inteligência é a capacidade de combinar normas de conduta para poder atuar melhor em situações novas; para Thorndike (1921), a inteligência é a faculdade de produzir reações satisfatórias do ponto de vista de verdade e realidade.

Em comum, esses autores vêem a inteligência como a capacidade de agir e adaptar-se diante de situações novas (Assumpção, 1994). Entretanto, talvez não seja necessário que o indivíduo inteligente produza reações satisfatórias em termos de verdade e realidade, pois, se assim fosse, pacientes psicóticos, que vivem uma realidade própria e nem sempre reagem “satisfatoriamente”, teriam a inteligência comprometida, o que em geral não ocorre (Alonso-Fernandez, 1978).

Stoddard (1943) conceitua a inteligência como a capacidade de realizar atividades caracterizadas como difíceis, complexas e abstratas, econômicas e adaptáveis a um objetivo, de valor social e carentes de modelos, mantendo-

## RESUMO

Os autores revisam e discutem alguns conceitos de inteligência, analisando a importância desses conceitos para a psiquiatria.

## UNITERMOS

Inteligência. Conceito. Psiquiatria.

\* Psiquiatra pela FMUSP. Médico Colaborador do Instituto de Psiquiatria da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo.

\*\* Fonoaudióloga. Doutora em Linguística. Orientadora do Programa de Pós-graduação em Psiquiatria da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo. Orientadora da Disciplina de Fisiopatologia Experimental da FMUSP. Docente da Disciplina de Fonoaudiologia da FMUSP.

se em circunstâncias que requerem concentração de energias e resistência diante das forças afetivas.

A realização de atividades concretas, simples e fáceis também provavelmente forneceria dados a respeito da inteligência, na medida em que o indivíduo mais inteligente por certo realizaria com maior destreza e rapidez essas atividades.

Para Goddard (1945), a inteligência é o grau de eficácia que a experiência tem para solucionar problemas presentes e prevenir os futuros.

Porém, é provável que a experiência não seja o único elemento para a solução de problemas. Por exemplo, a capacidade que o indivíduo tem para “improvisar”, independentemente da experiência adquirida, seria outro elemento importante para a solução de questões com que o indivíduo se defronta.

Segundo Wechsler (1958), a inteligência é a capacidade agregada ou global para agir intencionalmente, pensar racionalmente e lidar de modo eficaz com o meio ambiente. Por sua vez, Hayes (1962, in Bailey, 1976) avalia a inteligência como formulação de fatores e habilidades aprendidas.

É provável que a inteligência não dependa exclusivamente do aprendizado; talvez ocorra o inverso – o indivíduo inteligente aprenderia mais, e mais rápido.

Para Jaspers (1979), a inteligência é o conjunto de todas as capacidades e instrumentos que, em quaisquer realizações, são utilizáveis para uma adaptação às tarefas vitais, podendo aplicar-se para determinado fim. Outros autores conceituam a inteligência como um sistema de relações cognitivas com múltiplos níveis de significado, vinculado a fatores sociais, culturais e biológicos (Piaget, 1983; Vigotsky, 1991; La Taille e cols., 1992; Toledo, 1995). A inteligência pode também ser vista como manifestação intencional, representada tanto pela linguagem como pelos atos, ressaltada em situações-problema da vida do sujeito e influenciada por outras funções psíquicas, como a afetividade (Assumpção & Sprovieri, 1991). Seria uma função integrativa (Schanck & Jona, 1993; Wadsworth, 1993; Toledo, 1995).

Talvez chamar a inteligência de função integrativa deva-se, antes de mais nada, à dificuldade em conceituá-la, classificando-a, conseqüentemente, como rendimento psíquico.

Logo, se função adaptativa, integrativa, essencialmente prática, determinada multifatorialmente, intencional ou relacionada ao restante do psiquismo, possivelmente o conceito de Inteligência ainda será alvo de muitas discussões.

A partir do que foi exposto, a importância do conceito de inteligência para a psiquiatria pode ser abordada de diferentes formas.

Em primeiro lugar, há transtornos psiquiátricos em que a inteligência é primariamente comprometida – as

deficiências mentais e as demências (Alonso-Fernandez, 1978). Nas deficiências mentais, há déficit de inteligência adquirido precocemente, ao passo que nas demências há comprometimento da inteligência em indivíduos que tinham, previamente, essa função normal (Alonso-Fernandez, 1978). A inteligência pode estar secundariamente comprometida em outros transtornos, como transtornos de personalidade, transtornos do humor e epilepsias (Alonso-Fernandez, 1978). Nesses casos, outras funções psíquicas seriam primariamente atingidas (Alonso-Fernandez, 1978).

O desenvolvimento do conceito de inteligência talvez pudesse levar ao fomento de métodos diagnósticos e estratégias terapêuticas em psiquiatria, incluindo as farmacoterapias, já tentadas em grande número e sem sucesso real (Assumpção, 1994).

Em segundo lugar, a partir do conceito de inteligência como função integrativa e determinada multifatorialmente, é possível imaginar, talvez em futuro próximo, a partir do que se sabe da inteligência do indivíduo, prever seu desenvolvimento e até mesmo sua vulnerabilidade para a doença mental.

Por fim, se a inteligência for considerada como função adaptativa, é possível imaginá-la como valioso instrumento que o paciente psiquiátrico poderia usar a seu favor, no sentido de ter maior consciência de sua morbidade, adaptar-se melhor à doença e ao meio em que vive e reagir melhor a estressores externos. Dessa forma, um paciente deprimido conseguiria, por menor que fosse sua disposição para o trabalho, encontrar novos meios de manter seu rendimento. Um paciente esquizofrênico “resistiria” melhor a suas alucinações imperativas, um ansioso, a suas obsessões, e assim por diante.

Essas são possivelmente apenas algumas aplicações do conceito de inteligência à psiquiatria, dentre muitas outras que porventura surjam paralelamente à discussão do que é inteligência.

## SUMMARY

The authors revise and discuss some concepts of intelligence and their importance to psychiatry.

## KEY WORDS

Intelligence. Concept. Psychiatry.

## Bibliografia

1. ALONSO-FERNANDEZ, F.A. *Compêndio de Psiquiatria*. Madrid: Editorial Oteo, pp. 197-205, 1978.
2. ASSUMPÇÃO Jr., FB. & SPROVIERI, M.L. *Introdução ao Estudo da Deficiência Mental*. São Paulo: Mennon, 1991.

3. ASSUMPTÃO Jr., F.B. "Deficiência Mental". In: Assumpção Jr., F.B. **Psiquiatria da Infância e da Adolescência**. São Paulo: Santos/Maltese, pp. 139-56, 1994.
4. BAILEY, N. "O Desenvolvimento das Capacidades Mentais". In: Carmichael **Manual de Psicologia da Criança**. São Paulo: EDUSP, 1976.
5. BINET, A. & SIMON, T. **The Development of Intelligence in Children**. Vineland, N.J., Training School, 1914.
6. EYSENCK, H.J. – "The Concept of Intelligence – Useful or Useless?" **Intelligence**, 12: 1-17, 1988.
7. GODDARD, H.H. – "A Suggested Definition of Intelligence". **Am. J. Mental Deficiencies**, 50: 245-50, 1945.
8. HOWARD, R.W. – "On what Intelligence is". **Brit J Psychol**, 84: 27-32, 1993.
9. HOWE, M.J.A. – "Intelligence as an explanation". **Brit J Psychol**, 79: 349-60, 1988.
10. JASPERS, K. – **Psicopatologia Geral**. Rio de Janeiro: Atheneu, 2ª, v.1., 1979, pp. 258-67.
11. LA TAILLE, Y.; OLIVEIRA, M.K. & DANTAS, H. – **Piaget, Vigotsky, Wallon: Teorias Psicogenéticas em Discussão**. São Paulo: Summus Editorial, 5ª edição, 1992.
12. LIUNGMANN, C.G. – **El Mito de la Inteligencia**. Barcelona: Roca, 1972.
13. MACKINTOSH, N.J. – "A Natural History of Intelligence in Man and Other Animals". In: S. Nash (ed). **Science and Intelligence**, Northwood: Science Reviews, 1987.
14. PIAGET, J. – **A Epistemologia Genética**. Coleção "Os Pensadores". São Paulo: Abril Cultural, 2ª edição, 1983.
15. SCHANCK, R.C & JONA, M. "Issues for Psychology, Artificial Intelligence and Education". **Art. Int.**, 59: 375-88, 1993.
16. STERN, L.W. **The Psychological Methods of Testing Intelligence**. Baltimore: Warwick & York, 1914.
17. STODDARD, G.D. **The Meaning of Intelligence**. New York: Macmillan, 1943.
18. THORNDIKE, E.L. **Educational Psychology**. New York: Columbia University Press, 1914.
19. TOLEDO, M.L. "Uma Revisão sobre Retardo Mental – I – Conceitos e Definições de Inteligência e Considerações Históricas do Retardo Mental". **Infanto – Rev. Neuropsiq. da Inf. e Adol.**, 3(1): 44-8, 1995.
20. VIGOTSKY, L.S. **A Formação Social da Mente**. São Paulo: Martins Fontes, 4ª edição, 1991.
21. WADSWORTH, B.J. – **Inteligência e afetividade na criança na teoria de Piaget**. São Paulo: Pioneira, 1993.
22. WELLS, F.L. – **Mental Adjustments**. New York: Appleton, 1917.

**Endereço para correspondência:**

Instituto de Psiquiatria da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo  
Rua Ovídio Pires de Campos, s/nº  
CEP 05403-010  
São Paulo – SP  
Telefax (011) 852-9029